

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

K. E. SCHREINER—Zur Osteologie der Lappen—2 vols. illustr., Oslo, 1935.

Sôbre um rico material osteológico o ilustre professor de Anatomia na Universidade de Oslo acaba de elaborar um trabalho fundamental relativamente à antropologia dos Lapões. Os esqueletos observados eram de várias regiões, dos dois sexos e pertenceram a adultos e crianças. O A. recorda os estudos anteriores sôbre a curiosa população, e sucessivamente enumera os resultados das suas observações pessoais dos caracteres cranio-métricos e craniográficos, osteométricos, anomalias, distribuição regional dos caracteres, etc. São particularmente interessantes os resultados que obteve sôbre as correlações de vários caracteres nos grupos estudados.

No segundo volume reúne o A. o relato individual das suas diferentes observações, fazendo acompanhar as tabelas de numerosos desenhos e fotografias de crânios, sob várias normas, bem como de outras peças do esqueleto.

Schreiner, nas suas comparações, utiliza elementos portugueses sôbre o húmero e fémur. Provavelmente não tem conhecimento de outros estudos, que os há, de osteometria lusitana. Mas êste pormenor não significa que a sua informação não seja muito desenvolvida. Os trabalhos portugueses é que têm pouca divulgação.

Nos pontos de vista do método empregado, do rigor de observação, da minúcia da exposição, do critério judicioso do autor, do interesse das observações, e até da própria apresentação material do trabalho, êste representa não só um magnífico e fecundo esforço para o conhecimento especial dos Lapões, mas também uma obra digna da incessante consulta por constituir um modelo de monografias desta ordem e uma fonte útil de comparações osteométricas. A própria Antropologia geral poderá, por exemplo, tirar elementos proveitosos dos resultados sôbre as correlações de vários caracteres.

Em suma, o estudo do Prof. Schreiner honra-o altamente e ao seu país.

MENDES CORRÊA.

PAUL SCHEBESTA AND VICTOR LEBZELTER — *Anthropology of the Central African Pygmies in the Belgian Congo* — Publ. da «Czech Academy of Sciences and Arts», 2.^a classe, Prague, 1933.

Em bela edição, custeada pelo fundo doado por Hrdlicka em homenagem à memória de sua esposa, a Academia Tcheca publicou os resultados obtidos por Lebzelter sobre os elementos antropológicos colhidos por Paul Schebesta em séries importantes de Pigmeus e «Pigmiformes» do Congo Belga. A exposição minuciosa e proficiente de V. Lebzelter é antecedida por uma nota de Schebesta sobre a demografia e morfologia dos Bambuti, dos Ituri, dos pigmiformes Batua de Ruanda e dos também pigmiformes Bacua que se estendem do lago Leopoldo ao rio Ikelemba. São observações muito valiosas as do infatigável investigador.

Lebzelter, cujo labor antropológico é bem notório, tendo também visitado várias regiões africanas e estudado especialmente os Bochimanes, expõe em pormenor os resultados antropológicos relativos aos Efé, Bacango, Basua, Aká, Bacua, Batua, Balesé e bastardos Efé, cujas observações foram oferecidas por Schebesta ao Instituto Antropológico da Universidade Carlos, de Praga, dirigido pelo venerando Prof. Matiegka. Impossível é sumariar esses resultados numa notícia como a nossa. As observações abrangem caracteres antropométricos, caracteres descritivos, anomalias anatómicas, patologia, tatuagens, mutilações, etc., e são reproduzidas integralmente com tabelas estatísticas e excelentes e numerosas fotografias. Citemos, a título de curiosidade, que a média de estatura nos grupos pigmeus estudados é de 1^m,44 para o sexo masculino e 1^m,36 para o sexo feminino.

Combinando os vários elementos obtidos, Lebzelter entende que há nos grupos populacionais examinados por Schebesta, 3 tipos pigmeus, um tipo europóide, e dois tipos negróides, sendo mais puros os Basua e Babira que têm 82 % de tipos pigmeus. Pelo contrário, nos Bacua só 1/4 dos indivíduos são pigmeus puros.

Se o labor de Schebesta no campo foi excelente e altamente útil, a coordenação dos materiais por Lebzelter é também meritória e em tudo digna da sua notável reputação de antropologista.

Louvores, igualmente, aos editores do importante volume — especialmente ao sábio prof. Matiegka — e ao ilustre dr. Hrdlicka que, com a sua munificência, tornou possível a publicação de trabalhos como este.

M. C.

DR. GEORGE MONTANDON — *L'Ethnie Française* — 1 vol. de 240 págs., ilustr., Payot, Paris, 1935.

O novo livro do ilustre professor de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris é mais uma demonstração das dificuldades duma delimitação rigorosa e natural do que muitos chamavam indevidamente raça, mas outros, como Montandon, agora chamam, aliás mais apropriadamente, *etnia*. De facto, sendo acima de tudo, um trabalho de somatologia étnica, o livro do antropólogo francês reúne naquela etnia todos os Franceses metropolitanos, os descendentes destes que estão espalhados pelas colónias, alguns indígenas destas, os Canadianos, os Suíços de língua francesa, os Valões da Bélgica, etc. São afinal os indivíduos de diferentes raças que têm a nacionalidade francesa, que falam o francês ou que descendem de franceses. Somatologicamente é um mosaico, lingüisticamente também (porque lá está, por exemplo, o basco a destoar do conjunto...), politicamente também (porque os Canadianos são hoje de nacionalidade inglesa, os Valões são Belgas, os Suíços de língua francesa são... Suíços; etc.). Ficavam a etnografia, a psicologia, os costumes, as tendências, as tradições, a dar homogeneidade à... etnia? Nem isso, porque esses mesmos factos aparecem diversos naquele conjunto.

Com razão, Montandon diz que as *etnias* se sobrepõem mais ou menos umas às outras. Na verdade, creio bem que, se alguém fôsse escrever sobre a etnia basca, a etnia judaica, ou a etnia mongol (escrevo estes nomes ao correr da pena, com reservas, porque o assunto seria digno de maior atenção) não deixaria de ir buscar à etnia *francesa* do sr. Montandon os Bascos e os Judeus da França e talvez alguns dos Mongolóides que, como ele mesmo diz, as colónias fornecem à metrópole... E Montandon tinha, pelo menos, de lhes emprestar...

De-certo, o conceito de etnia aparece relativo e indefinido. Montandon dá-lhe um «grupo natural», demarcado não pelos sábios, mas pelos «seus membros ou vizinhos», e afirma que entram em linha de conta para a sua determinação «todos os caracteres humanos», quer sejam somáticos, lingüísticos ou culturais. Língua, religião, sangue, etc., são invocados, sobretudo a primeira, para definição das etnias, mas o capricho na escolha do critério desta definição é evidente. «Grupo natural» que os sábios não definem, mas só o vulgo, deve ser tudo o que quiserem menos natural. Natural é somatológico, psíquico, mesmo até lingüístico, se quiserem. Ora a etnia é um tipo somatológico, é um tipo psicológico, é um tipo lingüístico? É e não é. É umas vezes uma

coisa, outras vezes outra. Daqui até concluir que, cientificamente, não é... nada, vai uma pequena distância.

Mas não. O que penso é que, como Montandon diz de *povo* ou de *tipo*, *etnia* é uma expressão bastante vaga, mas necessária quando não se sabe bem o valor taxonómico da entidade de que se deseja falar. E *etnia* é, como também o mesmo A. diz, o substantivo do adjetivo *étnico*. Estuda-se em Etnologia portanto. Mas os especialistas já se puseram de acôrdo sobre o que se deve entender por Etnologia? Embora pense que ela é o estudo somatológico e psicológico dos agregados tradicionais de população chamados *povos*, reconheço que não falta quem só a considere somatologia étnica ou apenas — a corrente mais vulgar — como sinónimo ou cúpula da Etnografia.

Em tais condições, sem afastar a palavra *etnia* que oferece comodidade e é mil vezes preferível à expressão *raça* tomada fora do seu sentido histórico-natural, reconheçamos, como é devido, o alto interesse do livro de Montandon como síntese dos estudos somatológicos sobre a população francesa e afins.

Montandon tem o seguro critério do antropologista que se não deslumbra com algarismos e sabe discernir o que tem significação do que a não tem. O seu livro é digno da maior confiança, nos resultados que sumaria. Ao mesmo tempo, é acessível ao grande público, não entra em pormenores dispensáveis, dá úteis explicações preparatórias.

As ilustrações são excelentes. Nelas figuram distintas individualidades conhecidas de todos nós. O nosso estimado amigo e consócio Henrique de Miranda aparece num belo retrato como do tipo *ibero-insular* «clássico». O seu índice cefálico é realmente baixo, o que, aliás, não é essencial para definir aquela raça. A sua estatura não é elevada. No entanto, se bem nos recordamos, a sua coloração cutânea não é a do moreno ibero-insular, mas do branco-rosado do norte. Sem contestar a classificação autorizada de Montandon, a palavra «clássico» parece-nos ali exagerada. Para mais, o tipo *ibero-insular* é as mais das vezes longilíneo ou leptosoma. Miranda não o é.

Mas isto, que veio a talhe de foice e nos permite falar dum bom amigo, não diminuiu em nada o alto interesse antropológico do novo livro de Montandon.

M. C.

- C. U. ARIËNS KAPPERS—The fissuration of the frontal lobe of *Sinanthropus pekinensis* Black, compared with the fissuration in Neanderthalmen — Repr. from «Proceedings of the Konink. Akad. van Wetenschappen te Amsterdam», vol., XXXVI, 1933.

Ariëns Kappers é autor de valiosos trabalhos antropológicos sobre o cérebro, os quais no seu país estão em grande favor, o que é demonstrado pelos seus trabalhos e pelos de outros autores, como A. J. van Bork-Feltkamp, e pela existência em Amsterdam dum Instituto Central Holandês para investigações no cérebro. Entre os trabalhos anteriores de Ariëns Kappers, que conviria aqui assinalar, pelo seu interesse especial para os antropologistas, estão o curioso estudo sobre a influência do coeficiente de cefalização e da grandeza do corpo sobre a forma do cérebro (*Proceedings* da Acad. das Ciências de Amsterdam, vol. XXXI, 1927, n.º 1) e uma bela síntese sobre a morfologia cerebral nas raças pre-históricas e actuais (*Acta Psychiatrica et Neurologica*, vol. VI, fasc. 4, Copenhague 1931). Qualquer destes trabalhos fornece valiosos informes sobre morfologia e desenvolvimento comparados do cérebro. Assim, em certos grupos animais, a maior cefalização causa braquicefalia e os animais maiores são geralmente mais doliquencefálicos do que os animais mais pequenos, igualmente cefalizados, do mesmo grupo.

O trabalho mais recente, de Ariëns Kappers, que é indicado no título desta análise bibliográfica, refere-se ao molde cerebral do *Sinanthropus*, que o A. comparou com os moldes dos cérebros do *Pithecanthropus*, dos homens da Rodésia, de La Chapelle-aux-Saints, etc. Os índices encefálicos e a fissuração dos lobos frontais do fóssil de Pequim são, segundo Kappers, de tipo humano neandertalóide, embora mais primitivo do que outros indivíduos do grupo Neanderthal. Como o molde, porém, diz respeito a um adolescente, são para desejar, como afirma o A., estudos de espécimes adultos para conclusões definitivas.

M. C.

- J. MATIEGKA — *Homo Predmostensis* — I — Les crânes — «Publ. da 2.ª classe da Acad. Tcheca de Ciências e das Artes», Prague, 1934.

Aqui está um livro que era aguardado com verdadeiro interesse pelos páleo-antropologistas. Maska, a quem o livro é dedicado, não pudera publicar um estudo de conjunto sobre os seus estudos relativos à importante estação aurinhacense da

Morávia. O venerando prof. Matiegka tomou a seu cargo a tarefa pelo que respeita à antropologia de Predmost, e temos, enfim, graças ao sábio professor, elementos para ajuizar das características daqueles restos humanos em que vários autores tinham querido reconhecer um intermediário entre o *H. neanderthalensis* e o *H. sapiens*.

O estudo do Prof. Matiegka vem mostrar que esta suposição é inexacta. Os crânios de Predmost são bem do *H. sapiens*, separando-os o A. do tipo negróide de Grimaldi para os ligar ao «bloco» de Cro-Magnon. Alguns caracteres que suscitaram aquela suposição, serão resultado de simples convergência: Neanderthal e Predmost «eram de espécies diferentes».

O estudo das moldagens intra-cranianas não revela também qualquer carácter de primitividade no cérebro do homem de Predmost.

O Prof. Matiegka não diz se entende o «bloco» de Cro-Magnon em sentido lato ou num sentido restrito. Visto que se refere à nossa alusão aos restos de Predmost a respeito do homem de Combe-Capelle (*V. Trabalhos da S. P. A. E.*, t. VI, p. 121), devemos notar que essa alusão era hipotética e apenas baseada nas opiniões de alguns autores, como Werth. Depois do estudo do Prof. Matiegka, não julgamos dever incluir-se o homem de Predmost no «bloco das raças equatoriais». Os caçadores de mamutes da Morávia não tinham nada de proto-etíópico, de negróide ou mesmo, na expressão feliz de Montandon, de sub-negróide.

Mas o que nos surpreende é o índice nasal 42,6 dado por Matiegka para o homem de Combe-Capelle. Por outro lado, desde que verifica pertencer o homem de Predmost ao grupo de Cro-Magnon, é, a nosso ver, injustificado que Matiegka mantenha para êle o nome de *Homo predmostensis*. Fá-lo, sem dúvida, em homenagem a Maska, mas estas homenagens não podem prestar-se com preterição das indicações taxonómicas.

O volume, que é publicado graças ao fundo Maria Hrdlicka, constitue um trabalho cientificamente valioso e com excelente aspecto material.

M. C.

S. ZAMIATNINE—*La station aurignacienne de Gagarino*—«Bull. de l'Acad. de l'Hist. de la Culture Matérielle», fasc. 88, Moscou, Leningrad, 1934.

Estudo minucioso e interessante da geologia, paleontologia, utensilhagem lítica e em osso, objectos de ornato e figurinhas

femininas de marfim, na estação aurinhacense de Gagarino, descoberta em 1925, e, a-pesar-de destruída em parte por camponeses, explorada com rigor científico e com êxito pelo A. d'êste trabalho e vários colaboradores seus.

A fauna compreende *Rhinoceros tichorhinus*, mamute, *Vulpes vulpes*, *Alopex lagopus*, etc. Os instrumentos líticos recolhidos, alguns dos quais de formas particulares, são, na maioria, de sílex e em número de 600, além de mais dum milhar de lâminas, lascas, *nuclei*, etc. Os objectos de ornato (*pendeloques*, dentes perfurados, etc.) são numerosos. Duas caudas de mamute, côres minerais para pintura corporal e uma só concha (fóssil, de *Spirifer*) apareceram também para o mesmo fim.

Um dos capítulos mais curiosos da monografia sobre Gagarino é o que se refere a 6 estatuetas femininas de marfim ali encontradas. São do género das já conhecidas de Willendorf, Lespugne, Predmost, etc. Três estão acabadas, as restantes não. Zamiatnine discute as várias interpretações propostas sobre a origem daquelas figurinhas e em geral da arte quaternária. Rejeita a opinião de Luquet da «arte pela arte». Inclinando-se mais para a hipótese de Bégouen, vê na posição dos braços de algumas figuras, atitudes diversas em cerimónias colectivas, propiciatórias, de magia de caça.

O conhecimento do quaternário no território russo tem progredido muito. Aparecem novidades numerosas e importantes em várias publicações, como as memórias sobre o quaternário, da Academia das Ciências da Ucrânia.

M. C.

LAURENT COULONGES—*Les gisements pré-historiques de Sauveterre-la-Lémance*—«Arch. de l'Inst. de Paléontol. Humaine», mém. 14, Paris, 1935.

As estações de Martinet e do Roc Allan, em Sauveterre-la-Lémance (Lot-et-Garome), forneceram, graças às explorações realizadas ali, desde 1923, pelo autor, valiosos elementos paleontológicos. Vários níveis foi possível ali determinar, desde o madalense até ao fim do tardenoisense, e, no primeiro, mesmo até à idade do ferro e ao galo-romano. Após o paleolítico e o azilense o sr. Coulonges distingue um nível *sauveterrense*, que é definido por uma indústria de micrólitos triangulares derivados do paleolítico, e três níveis *tardenoisenses*, com trapézios, níveis dos quais o superior já é por êle considerado neolítico, embora

no ponto de vista da fauna se não distinga dos restantes tardenoisenses.

O A. faz uma sistematização do mesolítico, em que naturalmente se ocupa de Muge. Diverge, com razão, dos que confundem tardenoisense com indústrias de micrólitos. Por outro lado, com Vaufrey, receia a «miragem africana». Sobre a antropologia de Muge, que classifica tardenoisense, emite a hipótese de que os braquimorfos encontrados sejam mais recentes (neolíticos) do que os pequenos dolococéfalos (mesolíticos). A contemporaneidade, na sua opinião, poderia resultar «duma mistura ou de inobservância da porventura muito difícil estratigrafia dum concheiro». Pouco podemos dizer a êste respeito sobre as antigas explorações, em que aliás se registou a falta de estratigrafia regular, mas não hesitamos em afirmar que as modernas, sob a nossa direcção, tem sido cuidadosamente feitas no ponto de vista da estratigrafia.

M. Coulonges cita apenas sobre as novas explorações uma nossa conferência de 1931, em que só de passagem falávamos no assunto. Cremos, porém, que não desconhecerá as notícias especiais sobre o assunto, já publicadas não só pelo signatário como por Serpa Pinto e Mencke. Por elas veria que algumas novas observações se fizeram, não parecendo todos os concheiros da mesma data.

Mas o assunto encontra-se em estudo e é de crer que breve se possam juntar ainda mais elementos aos recolhidos em Muge, com a redescoberta feliz do concheiro da Quinta da Sardinha (Marinhais, Salvaterra—será a nossa *Sauveterre*?...) e com a meritória descoberta de outros concheiros no vale do Tejo pelo bom amigo e dedicado investigador Hipólito Cabaço.

Coulonges tem razão em achar prematuras as generalizações na matéria. Se de há quasi 20 anos a esta parte, temos seguido, a tal respeito, algumas sínteses—aliás autorizadas—de Breuil e doutros autores, nem por isso temos dúvida em reconhecer o carácter provisório dessas tentativas de generalização. São simples «hipóteses de trabalho», úteis em pre-história, mas que devemos estar prontos a abandonar quando novos factos as venham contrariar. E a colheita escrupulosa dos «factos» nada tem que ver com as hipóteses. Seria improbidade científica deturpar ou eliminar aqueles para fazer triunfar estas.

M. C.

PIERRE ROFFO — *Découvertes pré-historiques dans le département d'Alger*— Extr. do «Bull. de la Soc. Pré-hist. Française», n.º 6, 1935.

Resenha de descobertas feitas pelo A. em 1934 nas proximidades de Argel e ao N. do respectivo departamento. Além de «indícios paleolíticos» encontrados nos terraços quaternários do ued Kniss, P. Roffo descobriu várias estações paleolíticas naquelas regiões, algumas de morfologia menos característica, outras de tipos caracterizadamente chéleo-acheuleuses, mustierenses, ibero-mauritânico, etc.

O labor de Roffo é incessante e fecundo.

M. C.

F. BOUZA-BREY — *Les petroglifos de Monte Penide y los estudios sobre arte rupestre Gallego-Portugués*— Sep. do «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», vol. II (Hom. a R. Mélida), 20 págs., 17 figs., Madrid, 1934.

O A., fundador e secretário geral do Seminário de Estudos Galegos, tem realizado no vasto e riquíssimo campo da Pre-história da Galiza trabalhos de notável merecimento.

Os petroglifos de Monte Penide ficam próximo de Redondela, em cabeço sobranceiro ao bonançoso mar da ria.

Foram descobertos pelo A. em 1929, numa excursão arqueológica ao maciço montanhoso a sul de Redondela. Nessa excursão tomaram parte vários membros do Seminário e, entre êles, o seu Presidente de então, Dr. Cabeza de León e o seu actual Presidente Dr. Luiz Iglesias Iglesias.

Os petroglifos são constituídos por espirais, por várias combinações de círculos e covinhas, e por gravuras de forma mais ou menos oval igualmente associadas a covinhas.

Bouza-Brey faz o estudo destas gravuras com critério e é judicioso na sua crítica.

Pode julgar-se do modo como o estudo é conduzido, em face dos capítulos que o compõem e que são:

Antecedentes; Bibliografia; Los grabados; Observaciones y paralelismos; Los problemas del arte rupestre gallego-portugués y el estado de la investigación.

Valoriza o trabalho uma rica bibliografia de mais de 50 números, respeitante a trabalhos de arte rupestre da Galiza e do norte de Portugal.

SANTOS JÚNIOR.

GEORG LEISNER — *Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta* — Extr. da «Ipek», IX Band, Berlim-Leipzig, 1934.

Os sócios da nossa colectividade que assistiram há dois anos à conferência que o dr. Georg Leisner fez na Sociedade de Antropologia, já conhecem do seu relato de então o subido interesse dos documentos de pintura megalítica que o distinto investigador de Munich descobriu no dólmen galego da Pedra Coberta, província da Corunha. Na presente monografia o A. dá a descrição pormenorizada do dólmen e das pinturas, ilustrando essa descrição com belas fotografias originais e estampas coloridas, baseadas nos seus decalques, e faz, em seguida, uma síntese da documentação análoga encontrada até agora nos dólmenes portugueses, de Trás-os-Montes e da Beira, e um estudo comparativo da técnica e dos motivos ornamentais, procurando referências cronológicas não só no O. da Península, como em Los Millares, Las Batuecas, Gavr'inis, etc.

Embora cautelosamente exprima o desejo de que o estudo de certas questões seja retomado amplamente, emite a convicção de que, à parte uma figura de caça da Orca dos Juncas, porventura ligada a Las Batuecas, as pinturas megalíticas aparecem bruscamente na arte da Península Ibérica, em pleno desenvolvimento, não sendo conhecidos graus anteriores dessas pinturas. Também é de parecer que estas não constituíam cenas isoladas, esteio por esteio, mas conjuntos em tódia a câmara dolménica.

Numa das suas belas estampas a côres Leisner dá novas cópias da mais decorativa pintura de Côtta, existente no Museu Antropológico do Pôrto — onde a estudou como outros materiais — e bem assim da curiosa cena pintada na Orca dos Juncas. Essencialmente as diferenças entre essas cópias e as reproduções dadas, respectivamente, por nós e por Leite de Vasconcelos, não são grandes. Leisner emite a suposição de que aquela pintura de Côtta continuasse na parte superior. É possível que assim tivesse sido, mas o corte da pedra só foi feito depois de várias pessoas especializadas verificarem cuidadosamente que nenhuma pintura havia ali, ou totalmente desaparecera, se acaso alguma vez existira. Quanto à pintura da Orca de Juncas ela aparece com mais pormenores do que os figurados na reprodução de Leite de Vasconcelos.

O curioso é que Leisner ainda foi descobrir vestígios de novas pinturas *in loco* num dos esteios do dólmen de Côtta, na base do esteio frontal. Têm elas, ao que parece, semelhança — se na reconstituição de Leisner, sobretudo na metade direita do desenho, não há demasiada imaginação — com as do esteio fron-

tal, de que demos a primeira descrição publicada e cuja notícia devemos ao rev. P.^o António de Almeida Côtta, após duas visitas nossas ao mesmo local, como explicamos nesta mesma revista (t. VI, p. 157).

O trabalho do sr. Leisner é digno do maior interesse dos arqueólogos portugueses e uma contribuição importante para o estudo da arte pré-histórica.

M. C.

TENENTE AFONSO DO PAÇO & P.^o EUGÉNIO JALHAY — *As grutas de Alapraia* — Sep. da «Brotéria», t. XXI, Lisboa, 1935.

Um km. a NE. da estação de S. João de Estoril estão as grutas artificiais da Alapraia, que o rev.^o Eugénio Jalhay e Afonso do Paço têm explorado, com o mais louvável método científico, e de que dão no presente artigo um estudo consciencioso, baseado nos resultados das suas explorações de 1932 e 1934, subsidiadas pela Junta de Educação Nacional e auxiliadas pela Municipalidade de Cascais.

As grutas sepulcrais de Alapraia pertencem ao grupo de que fazem parte as de Palmela e de Carenque, e, como fundadamente dizem os AA., a sua cultura deve ser datada do pleno eneolítico. Comparando, porém, o espólio de Alapraia com o de Palmela, surgem possíveis indícios de maior antiguidade naquele. Os AA. notam: 1.^o a ausência, até agora, de objectos de metal; 2.^o a presença de micrólitos geométricos; 3.^o a presença exclusiva de setas de base convexa. São factos sem dúvida a ponderar, mas, como os AA. reconhecem certamente, não ainda argumentos definitivos.

O espólio descrito já é valioso, mas as explorações de 1935, cuja visita os AA. gentilmente nos facultaram, trouxeram novos elementos de estudo, alguns dos quais de carácter inédito, que lhes imprime um alto valor. Os ilustres arqueólogos dêles darão conta decerto em nova publicação. Não nos anteciparemos, pois, a relatar o que tão amavelmente nos mostraram.

M. C.

MAURICE REYGASSE — *Gravures et peintures rupestres du Tassili des Ajjers* — Sep. de «L'Anthropologie», t. XLV, Paris, 1935.

Resenha preliminar, documentada com excelentes ilustrações, de gravuras e pinturas rupestres, descobertas pelas missões Rey-

gasse-Gautier e Reygasse-Rigal no Tassili dos Ajjers, no Saará oriental, perto da fronteira da Tripolitana. Na numerosa e interessantíssima colheita, em que as afinidades com os achados correspondentes da Cirenaica, Fezzan e Tripolitana ressaltam, encontram-se documentos de datas diversas, desde *graffiti* recentes líbico-berberes e gravuras animais em que é incluído o camelo, até gravuras rupestres arcaicas e pinturas em que surgem, por exemplo, figuras afins das mulheres de Cogul e de Minateda, da arte rupestre espanhola.

O ilustre director do Museu do Bardo, de Argel, promete um estudo mais completo dos seus valiosos achados.

M. C.

HIPÓLITO CABAÇO & EUGÉNIO JALHAY — Estela funerária de Alenquer — Sep. da «Revista de Arqueologia», t. II, fasc. IV, 6 págs., 1 fig., Lisboa, 1935.

O sr. P.^o Eugénio Jalhay é sobejamente conhecido pelos numerosos estudos que tem dedicado à arqueologia e à pre-história.

O sr. Hipólito Cabaço é um estudioso com paixão pelas velharias. Com escavações oportunas tem salvo duma quasi certa destruição alguns interessantes documentos que conserva num pequeno museu, nem por isso menos valioso, e sempre franqueado a quem o queira visitar. Ultimamente fêz a notável descoberta de novos concheiros ou kjoekenmoeddings em Salvaterra de Magos. Informa-me o sr. Hipólito Cabaço que uma escavação sumária feita num destes concheiros lhe forneceu vários sílex e quartzites semelhantes aos de Muge e parte dum crânio.

Os AA. estudam uma lápide aparecida numa necrópole romana de incineração, no lugar das Paredes, a sul de Alenquer.

No espólio das sepulturas da necrópole, além da estela, apareceram quatro lucernas, uma campainha de bronze, um grande vaso em forma de *dolium*, contendo cinzas e ossos humanos calcinados, um vaso e um prato de *terra sigillata*, vasos e taças de vidro, uma taça de barro com figuras mitológicas, unguentários, fragmentos de vários objectos de bronze, etc.

A estela, que serviu de cabeceira duma tríplice sepultura, apresenta-se ornamentada por arcaturas concêntricas e uma gravura cruciforme, e tem uma inscrição, que os AA. lêem:

G(aius) Julius Capito H(ic) S(itus) (Est)
Maela Longinie H(ic) S(ita) (Est)
Rufus Silonis F(ilius) H(ic) S(itus) (Est)

ou em português:

Aqui jaz Gaio Júlio Capitão
Aqui jaz Maela (escrava) de Longínia
Aqui jaz Rufo, filho de Silo ou Silão.

S. J.

FERNANDO FALCÃO MACHADO — O espólio dum artifice romano — Sep. da «Revista de Arqueologia», t. II, fasc. IV, 5 págs., 7 figs., Lisboa, 1935.

Na quinta do Cirne, arredores de Santarém, desde há muito apareciam numerosos fragmentos de cerâmica e restos de construções. Ali teria mesmo aparecido um mosaico.

O A. visitou o local e conclue que deve tratar-se duma vila romana.

Nas escavações a que procedeu apareceram ferramentas de carpinteiro e pedreiro de tipo romano a saber: machado de dois gumes (*lippanis*), enxó (*ascia*), martelo sem orelhas (*martiolus*), picão (*dolabra*), escopro (*scalprum*), colher de pedreiro ou trolha (*trulla*) e compasso (*circinus*).

Como estas ferramentas se acharam agrupadas o A. julga poder considerá-las como o espólio dum obscuro artifice da vila, provavelmente um escravo.

S. J.

CARLOS TEIXEIRA — Um pêso inédito, de Braga — Sep. do n.º 3 do «Alto Minho», Viana do Castelo, 1935.

Descrição dum *pondus* de bronze encontrado na Cidade de Braga, na cêrca do quartel de cavalaria. A indicação ponderal é feita por incisão, com duas letras de prata, embutidas no bronze, em relêvo. Trata-se duma onça, com marca que o A. informa ser da época bizantina. O Prof. Grenier, consultado, coloca o achado no séc. IV ou V, achando-o cuidado, de luxo.

Carlos Teixeira, cujo labor é infatigável e variado, refere-se, para comparação, a outros achados de *pondera*.

M. C.

WILLIAM DUNCAN STRONG—*An Introduction to Nebraska Archeology*—«*Smithsonian Miscellaneous Collections*», Washington, 1935.

É um belo volume de 300 páginas, profusamente ilustrado com excelentes estampas, que Strong consagra à arqueologia das grandes planícies de Nebraska, a O. do Missouri. O A. põe de parte, fundamentado na opinião de Gregory, o famoso *Hesperopithecus* e exclue igualmente os pretensos artefactos pliocenos provenientes daquela região. Relata minuciosamente os resultados de explorações próprias e alheias em numerosas estações, como povoados, *mounds*, ossuários, etc., propondo uma sistematização das culturas pre-históricas e proto-históricas do vasto território. As referências cronológicas baseadas na coexistência com alguns animais hoje extintos ali, são precárias, por se não saber ao certo a época do desaparecimento dessas espécies.

Strong, além duma descrição geográfica do país, dá uma resenha sobre a distribuição das tribus índias neste.

É um trabalho consciencioso e desenvolvido, em que o A. denota, além dos seus conhecimentos da arqueologia norte-americana, uma observação e um espírito crítico dignos de elogio.

M. C.

PROF. ALFREDO CASTELLANOS—*Conexiones sudamericanas en relación con las migraciones humanas*—«*Quid Novi?*», Año II. Num. 6, Abril, 1934. Rosário; *El hombre prehistorico de la provincia de Cordoba* (Argentina). Montevideo, 1934.

Recorda o autor, nesta memória, a conhecida teoria de Wegener, da translação dos Continentes e dos Oceanos, e procura esclarecer alguns factos da Paleontologia sulamericana, bem como da Antropologia e Etnologia do vasto continente neotropical. A descoberta de fósseis humanos na Argentina, em particular, suscitou vivas e apaixonadas discussões, que tornam mais interessante a teoria das migrações proposta para explicar a existência de espécies animais, inclusivamente do Homem naquela região.

O autor crê que o continente sul-americano teria sido povoado, desde o final da época terciária (plioceno), por espécies e raças humanas autóctonas, de difusão pouco extensa. Porém o mesmo continente achou-se invadido, desde o fim do pleistoceno e provavelmente no começo do holoceno, por correntes imigrantes, vindas de outras regiões. Os invasores teriam vencido os autóctonos

e te-los-iam aniquilado, depois de se haverem cruzado com eles. Essa hipótese explicaria, segundo este antropologista, o polimorfismo das raças indianas da América meridional. Estamos portanto entre as duas teses extremistas: uma que estabelece a descendência directa do homem fóssil americano do sul; a outra que, a partir da denegação da antiguidade dos restos encontrados e considerando-os de mais moderna cronologia, os toma como representantes dos elementos migrantes, oriundos de outros continentes.

O prof. Castellanos teve ocasião de encontrar uma espécie de meio termo entre as duas teorias opostas e, para isso, divide habilmente a questão em duas partes: Uma que trata da antiguidade do homem fóssil na América do Sul e outra que se ocupa da antiguidade propriamente do *índio americano*.

O autor revela a concordância com a teoria das translações e com a hipótese dum bloco antártico e sobre este fundamento estabelece as ligações possíveis entre o continente americano e esse pretenso bloco austral, nos antigos períodos terciários, união que se fragmentaria durante o pleistoceno, até apresentar a disposição hipoteticamente imaginada pelo Prof. Mendes Corrêa, a que o autor se refere com elogio, e a qual supõe também teria sido a ponte de passagem para as migrações humanas para a América do Sul, à custa de núcleos maláio-polinesianos, assim como para a concorrência australo-tasmaniana, que contribuiria para formar o grupo foguino-tehuelche, sob condições climáticas mais favoráveis do que as actuais. Sendo assim, a travessia efectuada teria sido das mais difíceis e complicadas. Os gráficos figurativos que ilustram o opúsculo presente são aliás impressionantes, senão convincentes, e o autor afirma que a mais antiga invasão maláio-polinesiana só poderia ter seguido o caminho traçado pelo Prof. Mendes Corrêa, aproveitando o guarnecimento insular que uniria então a Antártida à Tasmânia e à Austrália e comunicaria, pelo outro extremo, com o extremo meridional da América. Os antigos documentos de Lagoa Santa e outros equivalentes de valor científico, justificariam a hipótese da invasão maláio-polinesiana.

Não é fácil, em sucinta notícia, dar conta de toda a rede de hipótese e sugestões expostas pelo autor nesta interessante memória, cujo valor paleontológico e étnico é garantido pelos seus trabalhos antecedentes, de bastante valia, alguns dos quais temos analisado neste lugar. Fornece-nos desta maneira o apoio procurado para lançar o passo arriscado das interpretações relativas ao povoamento faunístico das regiões zoogeográficas nêárticas e neotropicais.

É sobretudo do *Homem pre-histórico da província de Córdoba* (Argentina) que o prof. A. Castellanos se ocupa na sua monografia, apresentada ao XIV Congresso Internacional dos Americanistas, de Buenos-Aires (1932) e que saiu a lume em excelente edição, datada de 1934, em Montevideo. Nela sustenta a veracidade da descoberta de Paleontologia humana no *pampeano* médio e superior da província em que tem, de há muito e afincadamente, prosseguido os seus notáveis estudos. Como nos trabalhos anteriores, êste é acompanhado de minucioso descritivo estratigráfico e petrológico, indispensável para a interpretação rigorosamente fundamentada dos fenómenos que insistentemente analisa. O estudo é conduzido com mestria de verdadeiro especialista, neste sentido, e acompanhado de gravuras e gráficos explicativos numerosos.

O prof. A. Castellanos comenta com acêrto os achados arqueológicos feitos em datas anteriores por F. Ameghino, Doering e Outes, os quais parecem convergir para o convencimento da existência do h. fóssil naquela região, larga e profundamente reconhecida pelos geólogos.

Contudo à grande perspicácia dos observadores e sólida sabedoria dos mesmos não corresponde a riqueza do material escasso recolhido nas estações referidas e supostas paleolíticas.

Porém o jazigo chamado do Observatório Astronómico é que parece elucidativo, no sentido de mostrar a existência do fóssil humano na província de Córdoba: Restos humanos e de animais, bem como objectos mui diversos, numerosos e variados, utensílios de pedra, adornos, armas, esculturas primitivas e fragmentos de cerâmica insculpta.

O prof. A. Castellanos encontrou a localização estratigráfica exacta de semelhantes materiais líticos e diferentes, o bastante para bem estabelecer a cronologia dêsse documentário interessante para a determinação do pré-histórico argentino.

B. FERREIRA.

J. BETHENCOURT FERREIRA — **O ofidismo no seu aspecto histórico e actual** — Biblioteca de Altos Estudos da Acad. das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1935.

O A., que, além de reputado antropólogo, é um ilustre especialista na história natural dos Répteis, reuniu nesta sugestiva brochura, as conferências que fêz no Instituto de Altos Estudos, da Academia das Ciências de Lisboa, sôbre o culto e simbolismo da serpente na antiguidade e no folclore, os acidentes produzidos

pelas serpentes, o tratamento empírico e racional dêsses males e as modernas aplicações terapêuticas dos venenos dos Ofídios.

Lê-se com o maior interêsse o trabalho em questão que é ilustrado com várias curiosas gravuras, entre as quais figura a do Penedo do Cobrão, descoberta no Castro do Baldoeiro por Santos Júnior.

M. C.

DR. N. KOSOVITCH & F. BENOIT — **Une tribu inconnue du Maroc, les Bahoula** — Extr. de «L'Anthropologie», t. XLV, Paris.

Algumas léguas ao S. de Fez, a cerca de 5 km. ao NE. de Lefrou, está a aldeia de Bahbil, em parte troglodita. É habitada por uma população, que se distingue, pela língua, religião e costumes, das populações circundantes, parecendo ter origens diferentes. Os Bahloula julgam descender de cristãos, portugueses e espanhóis. Há entre êles, elementos judaizantes.

O estudo antropológico — a que não falta a pesquisa sorológica — de 103 indivíduos conduziu os AA. a concluir pelas afinidades europóides daquele núcleo étnico, se bem que a sua homogeneidade não seja perfeita.

M. C.

PROF. GIUSEPPE GENNA — **Nuove prospettive della fotografia antropometrica** — Extr. da «Rivista di Antropologia», vol. XXX, Roma, 1935.

É tradicional e lógico o interêsse dos antropólogos pelos processos fotográficos. A fotografia métrica, proposta por Bertillon para fins de identificação, ocupou sempre a atenção dos antropólogos como um dos seus indispensáveis meios de trabalho, de observação e de registo.

O prof. Genna, hoje à frente do Instituto Antropológico da Universidade de Pavia, faz um proficiente estudo dos recursos de que a fotografia dispõe para dar a máxima nitidez em vários planos e uma diferença mínima nos coeficientes de redução para êsses planos. Aconselha o uso de sistema Leica 24×36^{mm}, com uma objectiva ou melhor uma teleobjectiva de muito grande distância focal. Propõe mesmo a standardização dêstes métodos para a fotografia antropológica.

O estudo do prof. Genna não pode deixar de interessar vivamente todos os antropólogos, aos quais fornece indicações preciosas num ramo dos seus trabalhos em que são necessários conhecimentos especiais de óptica e técnica fotográfica.

M. C.

PRIV. DOC. DR. BOZO SKERLJ — *Rasni tipi Slovencev* — Extr. de «Eugenika», 1935.

O A. estudou os tipos de raças nos Eslovenos, em ginastas de ambos os sexos, concluindo que era a raça dinárica aquela que se encontrava mais frequentemente entre os indivíduos observados.

As outras raças europeas também aí aparecem representadas, pôsto que em percentagem menor. É curioso acentuar a conclusão a que chegou o A. de que nas mulheres predomina o tipo louro, o qual é muito mais raro nos homens.

A. ATHAYDE.

PRIV. DOZ. DR. B. SKERLJ — *Die Leibesübungen der Frau als bevölkerungspolitisches Problem* — Extr. de «Zeitschrift für Rassenkund», fasc. II, vol. II. Stuttgart, 1935.

Baseado em observações feitas em indivíduos do sexo feminino que praticam os desportos, o A. estuda os resultados que os exercícios físicos têm sobre o corpo da mulher. Na época presente, em que os desportos são praticados quasi às cegas, têm muita importância todos os estudos conscienciosos que nos mostrem os resultados bons ou maus que possam advir da prática dos exercícios físicos.

O A. principia por acentuar que se ouve muitas vezes dizer que os exercícios físicos aumentam a capacidade física do corpo. É parece-lhe que a questão deve ser previamente posta da seguinte maneira: O que se compreende por esta capacidade física?

Deve ela ser igual no homem e na mulher? A esta pergunta responde o A. negativamente por entender que a mais alta e digna função que se deve esperar do corpo da mulher consiste num parto normal, seguido a uma gravidez mais ou menos normal. Ora como o corpo do homem não tem de desempenhar qualquer função semelhante, diz o A., não se torna tão necessário pensar na natureza e doseamento dos desportos que o homem pratica. Mas também não se pode admitir que os exercícios imaginados para o homem, sejam praticados pelo delicado corpo feminino.

Em seguida o A. apresenta as conclusões a que chegou sobre a influência do desporto na constituição física da mulher e na menstruação, conclusões que são, em resumo, as seguintes:

1. Os exercícios físicos que a mulher pratica são cada vez mais moldados nos desportos masculinos. Excetua-se a ginástica rítmica.

2. Os exercícios físicos, como agora são praticados, mas-

culinizam o corpo da mulher, aplanando os seus relêvos e aumentando não só o comprimento das pernas e dos braços, como ainda a cintura escapular.

3. O período menstrual é fortemente perturbado pelos exercícios físicos. Estes aumentam a sua duração, aparecem freqüentes amenorreias e dismenorreias, atraza-se a época menstrual e dão-se fortes perdas sanguíneas.

4. A ginástica e os desportos estão hoje tão espalhados entre a juventude feminina que em vista das conclusões anteriores, se levantam os maiores receios relativamente à natalidade.

5. Não se conhece até agora nenhum sistema (a não ser a ginástica rítmica) que não seja prejudicial para o corpo da mulher; há sérias razões para reprovar a prática dos desportos nas escolas femininas, bom como o treino para desafios.

«E—continua o A.—a orientação que uma política de população positiva indica, já está hoje suficientemente esclarecida. A mulher pode e deve fazer exercícios físicos. Mas não os deve praticar durante o período menstrual, nem tomar parte em desafios.

«As mulheres devem-se exercitar sempre debaixo da fiscalização médica e científica, e os instrutores e treinadores devem ser sempre mulheres, pois tem-se verificado que os homens não dão importância ao incômodo catamenial das ginastas.»

A. A.

JOSUÉ DE CASTRO — *Alimentação e Raça* — Rio de Janeiro, 1936.

Neste volume da Biblioteca de Divulgação Científica, dirigida pelo Prof. Artur Ramos, o sr. dr. Josué de Castro reúne um certo número de noções fundamentais sobre o regime alimentar no homem, os resultados das suas importantes investigações sobre as condições de vida e alimentares da população do Recife. Faz acompanhar o seu estudo de planos úteis de questionários sobre o assunto.

Os resultados obtidos pelo A. são impressionantes. «Como se pode comer assim e não morrer de fome?» É, diz o A., a pergunta que acode a qualquer pessoa. E o dr. Josué de Castro responde: «Como? Morrendo de fome». A tuberculose, por exemplo, é um meio disfarçado de morrer de fome.

O volume do ilustre fisiologista brasileiro é digno de ser lido com atenção por todos os que se interessam por estes problemas bio-sociais. Antecede-o um prefácio do eminente professor Roquette Pinto.

M. C.

NICOLA PENDE — *I fattori biotipologici della criminalità* — Extr. della «Scuola Positiva», ano XV, Milano, 1935.

A amoralidade que conduz ao delito, é uma anomalia ou desvio do desenvolvimento do organismo considerado como unidade psicofísica inseccionável. Esta apresenta várias faces, mas é um todo. Não há subordinação do espírito ao corpo, mas coordenação de sistemas e funções. O desequilíbrio endócrino-neurovegetativo explica muitas dessas anomalias, mas não há uma explicação exclusivamente hormogenética da amoralidade e do crime.

Tais são as principais ideias expostas neste breve mas substancial artigo pelo ilustre professor Pende, que se defende da acusação de pretender, com um critério ultramaterialista, subordinar o espírito ao corpo, quando apenas preconiza, como Viola, um «conceito constitucionalístico equilibrado» em que *constituição* aparece como «condição potencial favorável à eclosão do fenómeno», mas não como inevitável destino mórbido. A constituição é o «como» e não o «porquê» de muitos factos. O causalismo da individualidade humana é sempre misterioso, sobretudo no enigma da alma.

Muito bem. A ideia duma integração complexa, polifacetada mas unitária, que é a individualidade moral, é que distingue a nova Antropologia Criminal (afinal correspondente em grande parte à chamada Biotipologia criminal) da Antropologia Criminal das primeiras fases, mais simplista nos seus métodos e nas suas sínteses, mas credora do respeito devido a todas as ciências nos seus inícios.

M. C.

LEONÍDIO RIBEIRO — *O problema médico-legal do homo-sexualismo* — Sep. do vol. XII dos «Arquivos de Medicina Legal e Identificação», Rio de Janeiro, 1935.

Síntese dum estudo biotipológico duma importante série de 184 homo-sexuais, no Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. Trata-se de indivíduos presos em casas de prostituição, algumas das quais exclusivamente masculinas. Desses indivíduos 113 eram brancos, 62 mestiços e 9 pretos.

Hipotensão arterial, distribuição dos pêlos do púbis diferente da masculina, eram desvios da normalidade na maioria dos casos. Mas outros sinais apareceram testemunhando também perturbações endocrínicas.

Após várias considerações sobre a natureza, a terapêutica e o carácter criminal do homo-sexualismo, o ilustre director do Ins-

tituto de Identificação conclue, como Afrânio Peixoto, que ao castigo é preferível, naqueles casos, o tratamento. E não haverá entre esses indivíduos falsos homo-sexuais, isto é, indivíduos levados a tão torpe degradação—não por anomalia biológica, mas por miséria ou por uma ambiência moral deplorável?

M. C.

LANDERSET SIMÕES — *Babel Negra, Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné* — 1 vol. ilustr., 1935.

Com excelente aspecto material, profusa e belamente ilustrado, o livro do sr. Landerset Simões reúne variados e interessantes informes sobre etnografia, línguas e arte das diferentes tribus da Guiné Portuguesa. A sistematização desses materiais é talvez um pouco irregular. Alguns assuntos podiam ser mais pormenorizados. Certas explanações de ordem geral oferecem margem a discussão. Mas conteem-se no livro muitos elementos valiosos, e devemos felicitar não só o A. como as entidades que o auxiliaram na publicação do seu sugestivo trabalho.

M. C.

CARDOSO MARTA — *Um museu etnológico na Figueira* — Sep. do «Album Figueirense», 11 págs., Figueira da Foz, 1934.

A museologia vai tendo entre nós um desenvolvimento que dia a dia mais se acentua.

Os museus são esplêndidas escolas sem mestre, que ensinam metendo as coisas pelos olhos dentro.

Cardoso Marta, figueirense de nascimento, espírito de raras qualidades e entusiasta apaixonado pelos estudos do saber do povo agita a ideia interessante da criação dum museu etnológico na Figueira.

Bem haja pela ideia que oxalá tenha pronta realização.

O A. estuda as possibilidades da criação do museu, sua instalação e manutenção. Propõe para o mesmo as seguintes secções: Vida pastoril e agrícola.—Vida marítima.—Vida social.—Vida religiosa.—Vida industrial e comercial.—Vida artístico-científico-literária.

S. J.

Alto Minho — *Revista ilustrada de investigações regionais* — Viana do Castelo.

O fascículo que temos presente, n.º 2, Março-Abril, 1935, abre com um interessante artigo do Dr. Falcão Machado, intitulado

lado *O Teclado Minhoto*, no qual o seu A. estuda o interessante problema geotectónico do movimento ascensional da costa do norte de Portugal, que em certos pontos, foz do rio Lima, por exemplo, parece, pelo contrário, ter movimento bradissímico negativo, o que indica oscilações localizadas. Estes estudos geológicos são de maior importância para a cronologia da pre-história minhota.

Este facto foi apontado por R. de Serpa Pinto no que diz respeito em especial ao estudo da cronologia do asturiense. O Dr. Falcão Machado dedica o seu estudo à memória do nosso amigo e querido companheiro de trabalho, nestes termos: *À memória do malogrado Engenheiro Rui de Serpa Pinto, que foi o maior valor científico da geração moderna.*

Um esconderijo de fundidor é artigo que versa o estudo do valioso achado de mais de 100 machados de bronze, feito em 1916 na freguesia de Vila de Punhe, concelho de Viana do Castelo.

O nosso consócio sr. Tomaz Simões Viana que assina o artigo, historia o achado, faz a sua localização e descreve um dos machados salvo da fundição e hoje em seu poder. É um machado de talão e duplo anel.

Dentre os artigos de história, arte, genealogia, etc., destacaremos os *Subsídios Etnográficos* por Alberto Couto, Tomaz Simões Viana e J. Rosa de Araújo, este último o Director da Revista. Como o próprio nome indica, trata-se duma colectânea, sem preocupação sistemática, de notas etnográficas da região vianense, algumas delas muito curiosas.

É pena que em cada distrito não haja uma revista deste género.

S. J.

ERRATA

No artigo *Um caso de polidactília familiar*, por Carlos Teixeira, artigo publicado no fascículo anterior dos nossos «Trabalhos», saíram algumas grafias que devem ser emendadas.

Assim, na linha 18, da pág. 241, onde se lê:

«No volume do Arquivo...»

leia-se:

«No volume X do Arquivo...»

As fotografias designadas com o n.º 2 e n.º 3 não pertencem à heptadactíla como se diz na pág. 243, mas sim à irmã desta (Maria P. M.) a que o autor faz referência na pág. 245.

Na linha 25 da pág. 243 onde se lê «(Fig. 2)» deve ler-se pois «(Fig. 1)».